

A SITUAÇÃO NA UNIÃO SOVIÉTICA

Celso Furtado

As transformações em curso na URSS fundam-se na tomada de consciência, pelo grupo dirigente atual, de que o sistema econômico e social adotado pelo país encontra-se em estado de exaustão. Esse sistema tem sido inapto para traduzir o esforço de acumulação e o avanço da técnica, realizados no próprio país, em efetiva melhoria das condições de vida da massa da população, na qual são evidentes os sinais de frustração e decepção. Assim, os consideráveis investimentos realizados na agricultura não obtiveram uma resposta correspondente em termos de produtividade e os grandes avanços da ciência, realizados no país, não se traduziram em conquistas tecnológicas capazes de assegurar competitividade internacional à indústria soviética. Já se reconhece abertamente que o desenvolvimento das atividades produtivas foi essencialmente *extensivo*, ou seja, fundou-se mais no aumento da dotação de capital por trabalhador do que em melhoras técnicas, com um custo considerável em termos de destruição de recursos naturais não-renováveis.

Existe clara percepção de que a corrida armamentista causou considerável dano ao país, tanto porque absorveu grande parte da capacidade de investimento, como porque impôs uma orientação unilateral à criação tecnológica, isolando-a das atividades propriamente econômicas. Afirma-se, presentemente, que a simples destruição das armas nucleares envolve um custo considerável, o que postergará no tempo a efetiva liberação de recursos permitida pela melhora nas relações internacionais.

As reformas no plano econômico sintetizam-se em duas diretrizes básicas: a) dar ênfase às forças do mercado, e b) abrir mais espaço para o comércio exterior. O planejamento tende a ser estratégico e indicativo,

O autor visitou recentemente a União Soviética e teve oportunidade de debater com autoridades e especialistas do país as transformações em curso.

e a gerência empresarial, essencialmente descentralizada. Pretende-se criar um novo conceito de sistema de preços que concilie esses dois objetivos. Um grupo importante de produtos, que são os insumos básicos da economia, terão seus preços pré-fixados por período relativamente longo com base nos custos de produção, mas tendo em conta os preços internacionais. Isso permitirá que as grandes linhas do planejamento sejam mantidas. Em seguida, viria um grupo bem maior de produtos, inclusive os novos produtos e os serviços de tecnologia de ponta, cujos preços seriam objeto de entendimento entre as empresas sob a forma de contrato, por tempo a determinar em cada caso. Por último, estariam os preços fixados livremente pelos produtores, como preços de oferta, incluindo-se aí a maior parte dos bens e serviços vendidos a seus utilizadores finais. Esse quadro pretende reproduzir progressivamente as economias industriais capitalistas mais avançadas, cujos preços são em parte "administrados", no âmbito de oligopólios, e em parte refletem o comportamento dos consumidores sob a influência da ação mercadológica. A diferença está em que os preços "administrados" na União Soviética serão fixados por prazos determinados, obedecendo a uma orientação unificada com vistas a condicionar mudanças estruturais definidas em um plano.

A idéia de dotar a economia de algo que se assemelha a um sistema de preços domina todas as preocupações das autoridades. Mas não se ignoram as dificuldades a serem enfrentadas. Tratando-se de um sistema econômico que opera em regime de insuficiência de oferta, a liberação de preços não poderá deixar de provocar um surto inflacionário, como está ocorrendo na China e já ocorreu na Polônia, e antes na Iugoslávia. Ademais, a existência de uma massa considerável de ativos financeiros de grande liquidez em mãos do público representa uma ameaça potencial de aumento explosivo de demanda no mercado de bens de consumo. O risco de depreciação desses ativos introduz uma incerteza com respeito ao comportamento dos consumidores que é preocupante.

A segunda idéia diretora diz respeito à necessidade de abertura externa, como forma de acelerar a diversificação da oferta e de induzir as empresas a disputar espaço nos mercados internacionais. Para isso, será necessário introduzir um sistema adequado de tarifas alfandegárias, criar bancos especializados, desenvolver os mercados de atacado, modernizar o sistema de estocagem das empresas etc. Uma tarefa tão imensa exigirá seguramente vários anos para realizar-se. Mas a estratégia parece estar definida.

Importa assinalar que os soviéticos estão empenhados em uma obra de reconstrução de estruturas econômicas nunca antes vista. Eles têm consciência da complexidade da tarefa e dos riscos que terão de enfrentar. Mas não há dúvida de que dispõem de gente excepcionalmente preparada e totalmente livre de amarras ideológicas. A situação é distinta da que se observa na Polônia, onde a sociedade reivindica e o Estado resiste. Na União Soviética, é o próprio Estado (sua liderança, pelo menos) que promove o movimento reformista, com apoio de amplos segmentos da sociedade,

particularmente da *intelligentzia*. Está em curso uma revolução cultural que é o inverso da ocorrida na China nos anos 60: revaloriza-se a herança cultural, redescobrem-se o passado, as raízes da cultura popular, a arte religiosa, a produção artística "ocidental" dos anos 20, os escritores que antes eram renegados. E, acima de tudo, abre-se espaço à ação criativa dos indivíduos. Esforço considerável está sendo realizado na restauração de obras que constituem o legado do passado, obras que, em muitos casos, por pouco escaparam da destruição deliberada ou do abandono no decurso do último meio século. O debate intelectual, atualmente em curso, cujo escopo se amplia dia a dia, é seguido por milhões de pessoas, o que está exigindo considerável aumento das tiragens das publicações nele envolvidas. E é impressionante o número de obras que estavam nas gavetas, prontas para vir à luz do dia.

A resistência é de dois tipos: de um lado, estão os que perdem poder, em grande parte pessoas que, pela idade, encontram dificuldades para reciclar-se; de outro, estão os milhões que temem ser prejudicados, no imediato, pela inflação, elevação de tarifas dos serviços públicos e medidas similares, inevitáveis em um remanejamento da economia da natureza do que está em curso. Mas nada indica que estas forças de resistência possam deter o avanço de um movimento que parece alimentar-se de um impulso renovador tão profundo e por tanto tempo contido.

No que respeita às nossas relações econômicas com os soviéticos, parece-me que seu futuro está no intercâmbio tecnológico. Eles, seguramente, procurarão evitar criar-se uma dependência com respeito às economias que ocupam a vanguarda no campo da tecnologia. Procurarão diversificar suas fontes e abrir espaço para colocar sua própria tecnologia. Isso lhes será mais fácil nas relações com países de desenvolvimento médio, como o Brasil. Não se exclui a hipótese de que no curto prazo procurem aumentar suas importações de bens de consumo de uso geral, para absorver pressões inflacionárias. Mas não será essa a linha predominante a médio e longo prazos. O que lhes interessa, sobretudo, é obter tecnologia, e pagá-la com tecnologia própria, e não com produtos primários, como ocorre atualmente. O problema está em descobrir as áreas em que esse tipo de intercâmbio é viável entre os dois países, e, em particular, aquelas em que as possibilidades de crescimento futuro são grandes.

Celso Furtado é economista, ex-professor da Universidade de Paris. Já publicou nesta revista "A Crise Internacional e seus Reflexos no Brasil" (Vol. 2, nº 1).

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 24, julho de 1989
pp. 59-61
